



Gênese e atualidade da tragédia na Síria

Ricardo Garrido

Nas últimas semanas a Síria voltou a ocupar as manchetes dos jornais impressos e televisivos do mundo, desta vez envolvendo um suposto ataque a gases químicos e um suposto salvamento de crianças, tendo os EUA e as potências ocidentais, particularmente a França e a Inglaterra, acusado a Rússia de haver praticado tal crime. Consequência dessa notícia, real ou forjada, as três potências citadas bombardearam a Síria como represália. A Rússia rechaçou veementemente tais acusações. Desde que Donald Trump assumiu a presidência, situações semelhantes veem envolvendo os dois países e se de um lado vemos um aparente apaziguamento, particularmente no caso das relações com a Coreia do Norte, vemos o retorno a recrudescimento das relações tensas, conflituosas e de guerra cujo cenário são a Síria e o Irã, o que parece querer demonstrar que, de um lado, a Guerra Fria jamais acabou, e de outro, o desejo de produzir e vender armas, assim como o domínio do petróleo, tem servido de combustível que alimenta tensões e conflitos “menores” nas regiões em causa.

Verdade seja dita, a Síria nunca foi um país democrático. Aliás, diga-se de passagem, democracia não é uma prática do Oriente Médio. Mesmo considerando o que muitos pensam ser uma exceção que talvez possa ser feita a Israel - cujo acesso ao poder se faz por eleições regulares – duas questões nos obrigam a interrogá-la. A primeira, quer saber se seria a democracia a eleição de uma pequena minoria por “uma maioria” cada vez menos adepta de sua participação eleitoral. A segunda, quer saber se é possível considerar a ação do Estado de Israel impondo o não reconhecimento do Estado Palestino e mantendo o apartheid neocolonial da faixa de Gaza como elemento desnecessário para saber se o Estado de Israel é democrático? O mesmo questionamento pode ser feito de forma ainda mais fácil considerando o Estado Sírio, sendo a resposta evidente.

A Síria era, mesmo sob um regime de poder concentrado e dinástico, um Estado estável, laico e com razoável qualidade de vida. Das nações que compõem o Oriente Médio a Síria era um país “invejado”, dado ao seu padrão de vida. Agora, o que se tornou a Síria?

Desde o início da guerra em 2011 até o presente, o país foi completamente devastado. Segundo dados da ONU¹, aproximadamente 60% dos sírios encontram-

¹ <https://nacoesunidas.org/guerra-siria-completa-7-anos-em-marco-com-rastro-de-tragedia-para-civis-diz-onu/>



se refugiados. Por volta de três milhões de crianças nasceram durante a guerra, e sequer viveram um único dia de paz! Além da crise humanitária, a Guerra na Síria tem reduzido a pó sua outrora poderosa economia. Dados de um relatório recente do FMI¹ apontam uma redução de 57% do PIB desde o início do conflito, o que naturalmente agrava o já deteriorado quadro social do país. Ante a tais fatos estupefacentes, o questionamento que se nos faz presente é: quais os caminhos que transformaram a Síria no que ela é hoje? Para respondermos a esse questionamento, faremos um pequeno apanhado histórico desse país, dos seus primórdios aos dias atuais.

Origem da Síria

Damasco sempre representou o sonho de todos os árabes desde os primórdios do Islã. Embora a origem da religião remeta à Meca e Medina, tão logo morreu o profeta Maomé, o centro do poder foi para o norte quando se consolidou o primeiro califado Omíada. Tal importância assumida ainda no primeiro século do calendário muçulmano, jamais seria perdida pela cidade através dos inúmeros califados que se sucederam.

O atual cenário geopolítico do Oriente Médio nos remete aos anos temporais da Primeira Grande Guerra. Naquele momento, o que levava os árabes à guerra foi o desejo de independência. Estes viam Damasco como a sede de um sonho libertador que não se confirmou, pois, a Inglaterra não cumprira com a promessa de construção da Grande arábia, prometida aos muçulmanos árabes no decorrer do conflito, com o intuito de obter apoio dos mesmos nos entraves contra a Alemanha. Acreditar na Inglaterra foi o maior erro dos líderes que conduziram os árabes: os acordos não foram cumpridos após a Grande Guerra. A independência sonhada não viera e, um novo contexto redesenharia a região criando Estados artificiais através de uma partilha territorial que contemplaria tão somente os interesses das potências ocidentais durante o período entre guerras. Foi nesse contexto que “nasceu” a geopolítica do Oriente Médio.

Dessa forma, a Síria atual é um “produto” geohistórico do pós Segunda Guerra Mundial. O país “nasceu” em 1946 e tal qual os demais jovens Estados árabes descaracterizados conviveria com sucessivos golpes de Estado até se consolidar em 1970 um regime estável, duradouro e oligarca comandado por Hafez

¹ <https://exame.abril.com.br/economia/siria-perdeu-metade-da-sua-economia-com-guerra-civil/>



Assad, muçulmano da corrente alaúita, cujo poder após sua morte seria transferido ao seu filho em 2000, Bashar al-Assad, que governa a nação até os dias atuais.

A gênese dos conflitos

O simbolismo, o poder e a localização geográfica de Damasco fez da Síria uma peça chave no tabuleiro geopolítico do Oriente Médio desde os primórdios. Por essa razão, o território sírio sempre foi alvo de grandes embates internacionais, desde a longínqua Cruzada, até a disputa contemporânea (que nos relembra um pouco o cenário da extinta Guerra Fria) entre a Rússia-país com o qual a Síria mantém relações desde 1979, quando ainda era uma ex-República da URSS -, e os EUA interessados em controlar a geopolítica da Síria, como veremos mais adiante.

A crise atual da Síria está ligada a três fatos históricos recentes: a Guerra do Iraque (2003), e a Primavera Árabe (2011), ambos combinados a crise mundial de 2009. Iniciada nos EUA a crise rapidamente se espalha para o mundo, gerando um colapso sem precedentes na oferta de crédito, criando uma das maiores retrações no fluxo de capitais da história do capitalismo, o que vai impactar direto na produção, gerando, mais uma vez um colapso sem precedentes no mundo do trabalho. Desempregos, colapsos econômicos, queda do preço das commodities no mercado internacional, falências generalizadas, aumento da violência, dentre outras *maravilhas* que o capitalismo pode proporcionar.

A expansão da crise para as diversas regiões do planeta impactou fortemente as nações emergentes, dentre elas a Síria. A economia do país que apresentava taxas de crescimento em torno de 4,5% ao ano começa a despencar¹. Como uma das principais fontes de renda da Síria era a exportação do petróleo, a queda do preço dessa commodity no mercado mundial², levaria ao colapso, de forma abrupta, a economia síria. A retração da economia impactou diretamente na qualidade de vida dos sírios que despencava dia após dia.

Tais episódios combinados à ebulição que o mundo árabe vivenciava desde dezembro de 2010, fizeram eclodir na Síria eventos conduzidos por um grupo de jovens influenciados pelos exemplos da Tunísia, Egito dentre outros, que tinham como pretensão derrubar Assad do poder, e democratizar a Síria.

¹ <https://exame.abril.com.br/economia/siria-perdeu-metade-da-sua-economia-com-guerra-civil/>

² A queda no preço do barril do petróleo tem como principal causa uma disputa estratégica entre Estados Unidos e Arábia Saudita, que tem dividido a economia mundial e provocado fortes crises em países como a Venezuela, Rússia, Síria dentre outros.



Com a eclosão da Primavera Árabe na Síria, o ditador Assad iniciou uma repressão brutal aos protestos, inicialmente pacíficos, que descambaria para uma violenta Guerra civil na Síria a partir de 2011. Agravando ainda mais a situação do país, no início de 2012, vários grupos radicais islâmicos (conhecidos como “jihadistas”), liderados pelo Estado Islâmico se aliam aos rebeldes anti-Assad para pôr um fim ao regime. A nação mergulhara no completo atoleiro.

Surfando na onda das calamidades, no nordeste da Síria, a população curda, uma comunidade étnica que habita a região do Curdistão, aproveita a situação para declarar a sua independência da Síria, ainda em 2012. A Síria se envolvia, simultaneamente, em três conflitos. Restaria alguma dúvida sobre a tragicidade da situação? Nunca será demasiado repetir que em levantamento recente (2017), o ACNUR estimou em aproximadamente três milhões o número de crianças que nasceram entre 2011 e 2017. Os últimos acontecimentos, o episódio com armas químicas e o ataque às bases sírias por forças norte-americanas, agregam desalento a qualquer perspectiva otimista. O quadro é complexo demais e não se vê solução para a crise a curto prazo.

O emaranhado étnico-religioso do conflito.

O labirinto geopolítico envolve atores internos e externos. Internamente o mosaico religioso ganhou contornos de ódio nos últimos anos quando a oposição sunita cansou-se da hegemonia alauíta. É público e notório a superioridade demográfica dos sunitas, mas a hegemonia sempre esteve em mãos alauíta que contam com a simpatia cristã. Muitas vezes, além das indústrias armamentistas e das disputas geopolíticas, o que move a guerra civil é ódio étnico, religioso ou ideológico.

Os distúrbios têm uma origem sectária: no plano interno, o país apresenta um nebuloso mosaico cultural com homogeneidade étnica, mas diversidade religiosa. Do ponto de vista étnico os árabes perfazem mais de 90% da população, constituindo os curdos, uma minoria razoável de 6%. No âmbito religioso, o quadro torna-se nebuloso, pois há uma nítida maioria islâmica, igualmente de mais de 90%, porém dividida em várias correntes rivais: sunitas, xiitas, alauíta e drusos, além da minoria cristã, igualmente dividida entre ortodoxos, maronitas e católicos. Essa divisão religiosa se reproduz na hierarquia social e política do país.

A maioria religiosa não está no poder: a casa Assad é alauíta, assim como os principais postos do poder político e militar. Por anos o equilíbrio sírio pareceu justificar-se pelo fato da maioria absoluta não exercer o poder, preservando-se, assim, os direitos da minoria. As minorias alauíta, cristã e drusa, apoiam o atual



regime: há relatos de padres e freiras rezando por Assad pois temem pelo que poderá lhes acontecer se a maioria sunita subir ao poder.

Durante longo período o regime dos Assad portou-se como laico, preservando o secularismo no país, porém sempre empregando força repressiva contra a oposição. Na oposição há de tudo: desde liberais progressistas aos extremistas do jihadismo, passando por rebeldes armados não religiosos. Na vertente extremista paira uma guerra particular entre a Al Qaeda (Al Nusra na Síria) e o Estado Islâmico.

O panorama internacional

No contexto regional, a Síria é peça importantíssima no Oriente Médio e Mundo árabe. Esteve no centro do conflito árabe-israelense desde 1967 quando viu lhes serem tomadas as Colinas de Golan. Teve asserção na política libanesa desde a Guerra Civil de 1975 e aumentou nos anos 1980 via influência junto ao grupo Hezbollah.

Com o Irã construiu importante aliança estratégica na frente anti-Israel, a conexão Damasco-Teerã, mas ao mesmo tempo as relações com a Turquia azedaram intensamente. Erdogan tem sua dose de responsabilidade na atual crise síria. Ao compor com o Irã teve em contrapartida a inimizade da poderosa e rica Arábia Saudita, eterna aliada dos EUA. Logo, no espectro regional a Síria tem três poderosos inimigos: Israel, Turquia e Arábia Saudita. Só o Irã lhe acolhe.

Quanto ao jogo do poder mundial o cenário é claro: o país está no centro de um braço de ferro entre Estados Unidos e Rússia que interferem diretamente no cenário da guerra, contribuindo ainda mais para a destruição do país. A potência estadunidense sempre teve pretensões em controlar as reservas de petróleo do Oriente Médio, e a Síria, devido a localização¹, sempre foi peça de extrema importância no jogo de xadrez de Washington. Historicamente o país sempre teve uma postura antiamericana, desde os conflitos que originaram a criação do Estado de Israel. Durante a Guerra Fria, a Síria manteve relações estreitas com a Rússia, sobretudo após a ascensão de Assad pai ao poder em 1975. Essa aliança garantiu que a Síria, durante a Guerra Fria, não fosse governada por mais um ditador "capacho" dos EUA como era a regra da maioria das nações do Oriente Médio.

A eclosão da Guerra Civil e a utilização de armas químicas durante a mesma, colocaram os EUA numa política ofensiva contra o ditador Assad. Sob o eterno

¹ O controle da Síria pelos EUA encurtaria o caminho do petróleo para o Ocidente, já que o país está a margem do Mar Mediterrâneo.



pretexto de libertar os oprimidos, os EUA, durante o governo Obama, realizaram bombardeios na Síria, sem obter sucesso nas suas máximas pretensões: derrubar Assad do poder.

Mais recentemente, os EUA, o Reino Unido e a França fizeram um ataque à Síria numa ação militar conjunta para punir o regime de Bashar al-Assad depois do ataque de Douma, em que terão sido usadas armas químicas. Esse ataque deixou pelo menos 75 mortos e fez mais de 500 feridos, muitos deles crianças. As justificativas dos três líderes dos países envolvidos são sempre as mesmas. Trump¹ falou em “crimes de um monstro”, May numa situação de “puro horror” e Macron na “ultrapassagem de uma linha vermelha”.

A grande questão é que a intervenção do Ocidente não tem abalado poder de Bashar al-Assad, muito pelo contrário! O apoio da Rússia tem sido de fundamental importância para garantir Assad no poder.

Desde que firmou aliança com a Síria durante o governo de Hafez al-Assad, a Rússia detém total controle sobre o porto de Tartus. O controle de Tartus, além de oferecer para a Rússia uma saída para o Mediterrâneo, constitui-se numa imposição de poder sobre o Ocidente, vez que o país eslavo mantém, desde a Guerra Fria, uma das mais poderosas bases militares na região. Aliás, o apoio russo, além de garantir Assad no poder, tem possibilitado a recuperação dos territórios que o governo havia perdido para os rebeldes e para o Estado Islâmico. Nesse momento, o governo Sírio está prestes a retomar o total controle do país, e a Rússia tem um papel fundamental nesse processo.

Por enquanto, Moscou tem levado a melhor, mas nos últimos dias, Donald Trump parece ter recolhido a opção isolacionista, (um retorno a James Monroe) para retomar a prática intervencionista que tanto caracterizou a potência americana a partir da Primeira Guerra. Num híbrido entre propaganda e *práxis*, Trump em uma semana atacou a Síria, rumou com seu poder naval para o Pacífico num tom altamente agressivo contra a Coreia e atacou células do Daesh no Afeganistão; tudo isso para que finalidade?

Inexoravelmente até o desfecho total do processo a violência vai continuar. Não há data para a guerra se encerrar. O país deve sair muito pior do que entrou nessa guerra civil, mas não há previsões confiáveis quando isso irá ocorrer.

¹ Trump tentadeseesperadamentedesvincularsuaimagem a de Moscou, pois, desde que assumiu o poder, pairamsuspeitasacerca da Rússiainterfinanciadosuacampanha para a Casa Branca.



Referências

BRANCOLI, Fernando. A Primavera Árabe: praças, ruas e revoltas. 1. ed. São Paulo: Desatino, 2014.

CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet. 2. ed. São Paulo: Zahar, 2017.

CAVALCANTI, Klester. Dias de inferno na Síria: o relato do jornalista brasileiro que foi preso e torturado. 2. ed. São Paulo: Benvira, 2014.

HASSAN, Hassan e WEISS, Michael. Estado Islâmico: desvendando o exército do terror. 1. ed. São Paulo: Seoman, 2015.

LIMA, Bernardo Pires de. A Síria em pedaços. 1. ed. São Paulo: Tintura da China, 2015.

PEREIRA, Paulo Jorge. Filho da Primavera Árabe. 1. ed. São Paulo: CreatespaceIndependentPublishing Platform, 2017.

PEREIRA, Wellington. Crimes Contra a Humanidade: do Holocausto à Primavera Árabe. 1. ed. São Paulo: Prismas, 2015.

VISENTINI, Paulo Fagundes. O Grande Oriente Médio: da descolonização a Primavera Árabe. 1. ed. São Paulo: Campus, 2016.

YAZBEK, Samar. A Travessia: viagem ao coração estilhaçado da Síria. 1. ed. São Paulo: Nova Delphi, 2015.